



**FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
MATO GROSSO DO SUL**

CÂMPUS DO PANTANAL

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

MICHELLY OLIVEIRA DE ARRUDA

**O programa residência pedagógica como espaço de formação e construção
da identidade docente: um relato de experiência**

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade relatório de pesquisa ou extensão, apresentado ao Curso de Geografia do Campus do Pantanal, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Drº. Élvys Christian Madureira Ramos

CORUMBÁ-MS

2025



**FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
MATO GROSSO DO SUL**

MICHELLY OLIVEIRA DE ARRUDA

**O programa residência pedagógica como espaço de formação e construção
da identidade docente: um relato de experiência**

CORUMBÁ-MS

2025

BANCA EXAMINADORA

Data da defesa: 26/11/2025

Assinaturas:

Prof. Dr. Élviz Christian Ramos (Orientador)

Profa Dra Marcia Aparecida da Silva Pimentel

Profa Dra Maria Cristina Lanza de Barros

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, pela presença constante em minha vida, e ao meu querido avô, Luís Franco de Oliveira, cuja memória segue inspirando meus passos.

À minha mãe e à minha avó, pelo amor e apoio que me sustentam em todas as caminhadas.

EPÍGRAFE

“Caminhar é descobrir-se no caminho.”
— Milton Santos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela sabedoria, proteção e força concedidas em todos os momentos desta caminhada acadêmica, tornando possível a concretização deste trabalho.

À minha família, em especial à minha mãe, Márcia Franco de Oliveira, e à minha avó, pelo amor, incentivo e compreensão incondicionais, pilares fundamentais que sustentaram minha trajetória até aqui. Ao meu querido avô, Luís Franco de Oliveira, que, mesmo ausente fisicamente, permanece presente em minhas lembranças e inspirações.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Élvis Christian Madureira Ramos, e à minha orientadora do Programa Residência Pedagógica, Profa. Me. Rozilene Cuyate Soares, pela dedicação, paciência e valiosas contribuições, que foram essenciais para o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos professores do curso de Geografia – Licenciatura (CPAN/UFMS), pelos ensinamentos, pela formação sólida e pelo compromisso com a educação.

Aos colegas e amigos que compartilharam comigo esta jornada, tanto no curso quanto no Programa Residência Pedagógica, pela parceria, apoio e experiências vividas, que enriqueceram meu percurso acadêmico e pessoal, em especial, Maria Vitória de Souza e Lylianne Chaparro.

Por fim, a todos que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho, deixo o meu mais sincero agradecimento.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso analisa as contribuições do Programa Residência Pedagógica (PRP) para a formação docente no curso de Geografia – Licenciatura da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal. O estudo tem como objetivo compreender como a participação no programa contribuiu para o desenvolvimento profissional, pessoal e acadêmico da autora, especialmente na consolidação da identidade docente. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e reflexivo, estruturada como um relato de experiência. As atividades desenvolvidas no PRP possibilitaram uma imersão significativa na realidade escolar, permitindo articular teoria e prática e aprimorar competências pedagógicas como o planejamento, a mediação e a avaliação do ensino. A vivência incluiu aulas supervisionadas, participação em projetos de extensão, reuniões pedagógicas e atividades integradas entre universidade e escola, que favoreceram a compreensão crítica do papel do professor e ampliaram o compromisso com a educação pública. A inserção no ambiente escolar permitiu vivenciar desafios reais, estimulando o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e da sensibilidade diante das demandas educacionais. Os resultados apontam que a Residência Pedagógica constitui um espaço essencial de aprendizagem e de formação integral, fortalecendo o vínculo entre teoria e prática e promovendo o desenvolvimento de uma postura reflexiva, ética e transformadora. Conclui-se que essa experiência foi decisiva para a consolidação da identidade docente e para o amadurecimento profissional e humano da futura professora.

Palavras-chave: Residência Pedagógica; Formação docente; Geografia; Ensino; Extensão.

RESUMEN

Este Trabajo de Conclusión de Curso analiza las contribuciones del Programa de Residencia Pedagógica (PRP) para la formación docente en el curso de Geografía – Licenciatura de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul, Campus del Pantanal. El estudio tiene como objetivo comprender cómo la participación en el programa contribuyó al desarrollo profesional, personal y académico de la autora, especialmente en la consolidación de su identidad docente. Se trata de una investigación cualitativa, de carácter descriptivo y reflexivo, estructurada como un relato de experiencia. Las actividades desarrolladas en el PRP posibilitaron una inmersión significativa en la realidad escolar, permitiendo articular teoría y práctica y perfeccionar competencias pedagógicas como la planificación, la mediación y la evaluación de la enseñanza. La vivencia incluyó clases supervisadas, participación en proyectos de extensión, reuniones pedagógicas y actividades integradas entre la universidad y la escuela, que favorecieron la comprensión crítica del papel del profesor y ampliaron el compromiso con la educación pública. La inserción en el entorno escolar permitió experimentar desafíos reales, estimulando el desarrollo de la autonomía, la responsabilidad y la sensibilidad frente a las demandas educativas. Los resultados indican que la Residencia Pedagógica constituye un espacio esencial de aprendizaje y de formación integral, fortaleciendo el vínculo entre teoría y práctica y promoviendo el desarrollo de una postura reflexiva, ética y transformadora. Se concluye que esta experiencia fue decisiva para la consolidación de la identidad docente y para el crecimiento profesional y humano de la futura profesora.

Palabras clave: Residencia Pedagógica; Formación docente; Geografía; Enseñanza; Extensión.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. RELATO DE EXPERIÊNCIA – TRAJETÓRIA ACADÊMICA	12
2. RELATO DE EXPERIÊNCIA: PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

1. INTRODUÇÃO

O processo de formação docente constitui uma etapa fundamental na construção da identidade profissional do professor, especialmente no contexto das licenciaturas. Nesse cenário, programas de iniciação à docência, como o Programa Residência Pedagógica (PRP), promovido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), assumem papel relevante ao possibilitar a imersão dos licenciandos em ambientes escolares reais, articulando teoria e prática. Tal vivência representa um campo fértil para o desenvolvimento de competências pedagógicas, reflexões críticas e consolidação de saberes necessários à atuação docente.

A formação inicial de professores constitui um momento essencial para a construção da identidade profissional, sendo atravessada por experiências teórico-práticas que articulam o saber acadêmico e o saber da escola (PIMENTA, 2012; TARDIF, 2014). Conforme Pimenta (2012), o estágio e a prática configuram-se como espaços privilegiados de construção da identidade docente, permitindo ao futuro professor compreender, interpretar e transformar o contexto escolar. Para Tardif (2014), os saberes da experiência, adquiridos nas interações cotidianas e nas vivências concretas do trabalho docente, são elementos centrais na constituição dos saberes profissionais.

Nessa mesma perspectiva, Nóvoa (1992) entende a formação como um processo contínuo e dinâmico, no qual o professor se forma a partir de sua própria trajetória, construindo sua identidade profissional em diálogo com a prática, com os pares e com a instituição escolar.

O Programa Residência Pedagógica, enquanto política pública implementada pela CAPES, insere-se nas metas do Plano Nacional de Educação (PNE 2014–2024), que propõe o fortalecimento da formação inicial e continuada dos professores da Educação Básica, bem como a valorização do magistério. No âmbito da Geografia, essa política assume relevância particular ao incentivar o desenvolvimento de metodologias que promovam a leitura crítica do espaço geográfico, o reconhecimento do lugar e a compreensão das relações socioambientais que estruturam o cotidiano escolar.

O presente trabalho, intitulado “*As contribuições do Programa Residência Pedagógica para a formação docente: um relato de experiência*”, tem como objetivo analisar as contribuições do PRP para a formação pessoal e acadêmica da autora, a partir das vivências no

subprojeto de Geografia desenvolvido na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal, em parceria com a escola E.E. “Nathércia Pompeo dos Santos” durante o período de um ano. Busca-se refletir sobre as aprendizagens adquiridas, os desafios enfrentados e as transformações ocorridas no processo de construção da identidade docente, compreendendo o programa como um espaço formativo essencial para o fortalecimento da prática educativa e do compromisso com a educação pública.

Relatar essa experiência mostra-se relevante tanto do ponto de vista pessoal quanto social. No âmbito pessoal, permite à residente revisitar e ressignificar seu percurso formativo, reconhecendo-se como protagonista de sua própria aprendizagem. No âmbito social, contribui para o campo da Educação ao compartilhar vivências e reflexões que podem subsidiar outras práticas formativas e fortalecer o debate sobre políticas públicas de valorização docente, sobretudo em contextos de formação inicial.

Além desta introdução, o trabalho está estruturado em duas seções principais. O Capítulo 1 – Relato de Experiência: Trajetória Acadêmica apresenta o percurso formativo da autora no curso de Geografia – Licenciatura, destacando os momentos significativos de sua formação inicial e as experiências que contribuíram para a construção da identidade docente. Nessa parte, é apresentado o Quadro 1 – Relato Autobiográfico de Formação Docente, que sintetiza as etapas vividas antes e durante a trajetória universitária, evidenciando as aprendizagens, desafios e transformações que marcaram esse processo. O Capítulo 2 – Relato de Experiência: Programa Residência Pedagógica aborda de forma detalhada a participação da autora no subprojeto de Geografia do Programa Residência Pedagógica (PRP), desenvolvido na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal, em parceria com a Escola Estadual Nathércia Pompeo dos Santos. Nessa seção, são descritas as práticas realizadas, os desafios enfrentados e as contribuições do programa para a formação docente. Destaca-se também a Imagem 1 – Visita dos alunos ao Laboratório de Dinâmicas Espaciais (LADINE), que ilustra uma das experiências formativas vivenciadas durante o desenvolvimento das atividades da Residência.

Por fim, nas considerações finais, são retomadas as principais contribuições do Programa Residência Pedagógica para a consolidação da identidade profissional docente, enfatizando a relevância dessa vivência para o fortalecimento do vínculo entre universidade e escola e para a formação de professores comprometidos com uma educação pública, crítica e transformadora.

Capítulo 1

Relato de experiência – trajetória acadêmica

Durante minha trajetória acadêmica na universidade, vivenciei experiências significativas que contribuíram para a construção do meu olhar crítico e para o desenvolvimento da minha prática docente. Este relatório apresenta, de forma científica e reflexiva, as etapas do meu percurso formativo, desde o ingresso na graduação até a participação no Programa Residência Pedagógica, destacando as contribuições e os desafios encontrados no ambiente escolar.

Antes de iniciar a vida acadêmica, eu já nutria o desejo de compreender a importância e a complexidade de ser professora, reconhecendo a relevância social dessa profissão. Ao ingressar na graduação em Geografia – Licenciatura, deparei-me com um universo repleto de possibilidades e também de desafios. O primeiro deles surgiu logo no início do curso, com a pandemia da Covid-19. O isolamento social e o ensino remoto emergencial transformaram o modo de aprender e ensinar, exigindo resiliência e autonomia dos estudantes. Foram aproximadamente dois anos de aulas a distância pela UFMS/CPAN, período em que as disciplinas iniciais forneceram uma base teórica sólida, abordando conceitos fundamentais da educação e das ciências humanas. Nesse contexto, comecei a desenvolver uma visão mais crítica sobre as práticas pedagógicas e a compreender a importância da formação contínua e da reflexão sobre a docência.

Ao longo do curso, participei dos estágios obrigatórios supervisionados, que foram etapas fundamentais do meu processo formativo. O primeiro estágio, de observação e coparticipação, permitiu compreender a dinâmica da escola e o cotidiano docente. Já o segundo, de regência, proporcionou a oportunidade de atuar diretamente na sala de aula, elaborando planos, desenvolvendo atividades e avaliando o aprendizado dos alunos. Foi durante esse período que ingressei no Programa Residência Pedagógica, o que representou um marco essencial na consolidação da minha formação. O PRP permitiu a vivência de um ambiente de aprendizagem colaborativo, com trocas constantes entre colegas, professores preceptores e orientador.

A Residência Pedagógica destacou-se como uma experiência ímpar de articulação entre teoria e prática, possibilitando o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos na graduação e sua aplicação em contextos reais. A convivência com professores experientes, o planejamento conjunto e a execução de aulas supervisionadas ampliaram minha compreensão sobre o papel

do docente como mediador do conhecimento. Segundo Tardif (2014), os saberes da docência se constroem na interação entre os conhecimentos científicos, pedagógicos e da experiência, e foi justamente essa interação que tornou o PRP uma etapa transformadora do meu percurso acadêmico.

Nesse processo, desenvolvi competências essenciais, como o planejamento de aulas, a gestão da sala e a avaliação do desempenho dos estudantes, participando também de conselhos de classe e reuniões pedagógicas. Refleti sobre temas fundamentais, como a inclusão educacional, o uso de tecnologias no ensino e as transformações no processo de ensino-aprendizagem entre 2023 e 2025. Apesar dos avanços, também enfrentei desafios, como a adaptação a diferentes realidades escolares e a escassez de recursos em alguns contextos. Saviani (2013) lembra que as condições materiais e estruturais da escola impactam diretamente a prática docente, o que reforça a importância da formação crítica e da criatividade para superar limitações.

Durante o período da Residência, vivenciei situações desafiadoras, como a reforma do prédio da escola parceira, que exigiu a transferência temporária das turmas para outro espaço escolar no período vespertino. Essa mudança alterou rotinas, horários e comportamentos, tanto de alunos quanto de professores e estagiários, demandando readaptação coletiva. Nóvoa (1992) ressalta que a docência implica flexibilidade e capacidade de lidar com as incertezas do cotidiano escolar, aspectos que pude vivenciar concretamente nesse processo.

Outra questão marcante foi a falta de interesse demonstrada por alguns alunos em determinadas atividades. Essa realidade levou-me a refletir sobre as causas da desmotivação e sobre o papel do professor em promover aprendizagens significativas. Para Charlot (2000), o sentido atribuído ao aprender está diretamente ligado à relação que o estudante estabelece com o conhecimento e com o professor. Assim, compreendi que o desafio da docência não se resume à transmissão de conteúdos, mas à criação de vínculos e ao estímulo da curiosidade e do engajamento. Nessa perspectiva, Freire (1996) enfatiza que ensinar exige escuta, diálogo e afeto, pois a relação entre professor e aluno é o ponto de partida para a construção de uma educação humanizadora.

As experiências vividas na universidade e no Programa Residência Pedagógica fortaleceram, portanto, minha identidade como futura professora e minha compreensão sobre o papel social da escola. Entendi que a docência é um processo contínuo de aprendizado, no qual teoria e prática se complementam e se ressignificam constantemente. Sinto-me mais preparada

para enfrentar os desafios da profissão, consciente de que ser docente é também ser aprendiz, alguém que ensina enquanto aprende e que aprende enquanto ensina, comprometida com uma educação de qualidade, inclusiva e transformadora.

Quadro 1- Relato autobiográfico de formação docente

1. Antes da Universidade
Antes de realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em 2019, eu era aluna da mesma escola onde, futuramente, eu nem imaginava que me tornaria estagiária. Naquele momento, meu principal objetivo era ingressar na universidade. Assim como eu, muitos colegas contaram com o apoio constante da escola e dos professores, que, sempre dedicados, ofereciam reforços nas disciplinas centrais, como Língua Portuguesa e Matemática. A instituição também organizava um cursinho pré-vestibular voltado especialmente para o aprimoramento da escrita da redação e para o treinamento do tempo de realização das provas, o que foi de grande ajuda para todos nós. O incentivo da escola foi fundamental para mim, pois, à época, eu não era uma aluna muito focada. Embora desejasse entrar em uma universidade, também tinha o plano de conseguir um emprego para ajudar minha família, o que tornava difícil conciliar os estudos com as responsabilidades cotidianas. Por isso, reconheço com gratidão o papel da escola e dos professores, que acreditavam no potencial dos alunos e ofereciam o apoio necessário para que cada um encontrasse seu próprio caminho na educação.
2. Durante a Universidade
O processo de ingresso na universidade representou para mim não apenas uma meta pessoal, mas também uma estratégia concreta de transformação social. Quando realizei o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em 2019, meu principal objetivo era conquistar uma formação que me proporcionasse melhores oportunidades de emprego e desenvolvimento pessoal. Na época, eu já estava inserida no mercado de trabalho, mas vivia em uma cidade pequena, onde as vagas eram escassas e o acesso a empregos qualificados era limitado. Mesmo diante dessas dificuldades, eu queria ir além. Desejava conquistar um diploma, ampliar horizontes e romper as barreiras impostas pelo mercado local por meio da educação. A falta de oportunidades era um obstáculo comum para muitos jovens do interior. O requisito de experiência profissional, somado à carência de políticas públicas que incentivassem a qualificação, tornava o cenário ainda mais desafiador. Nesse contexto, o ingresso no ensino

superior apareceu como uma forma de resistência e superação. Foi assim que conquistei, por meio do Enem, uma vaga no curso de Geografia – Licenciatura, o que representou um passo importante em direção à realização de um sonho. No entanto, pouco tempo depois, o mundo foi surpreendido pela pandemia da Covid-19, que transformou radicalmente a forma de ensinar e aprender.

Durante dois anos, as aulas presenciais foram substituídas pelo ensino remoto, exigindo uma grande adaptação de estudantes e professores. Conciliar as aulas online com o trabalho e as responsabilidades familiares tornou-se um desafio constante. Minha avó, pertencente ao grupo de risco, não podia sair de casa, e eu e meu irmão assumimos muitas tarefas cotidianas, como as compras e o cuidado com o lar. Mesmo cansada, buscava acompanhar as aulas, muitas vezes pelo celular e em horários alternados. Essa experiência me ensinou o verdadeiro sentido da resiliência, da empatia e do compromisso com o aprendizado.

A pandemia revelou que ser estudante vai muito além de assistir às aulas: envolve disciplina, responsabilidade e uma profunda disposição para aprender com as dificuldades. Também me fez perceber o papel essencial do professor como mediador e apoio emocional dos alunos. Como afirmam Moran e Bacich (2020), “a pandemia evidenciou a centralidade da educação e a importância do professor como mediador sensível, criativo e indispensável nos processos de aprendizagem, mesmo diante da ausência do espaço físico escolar.” Essa vivência despertou em mim uma admiração ainda maior pela docência e pela capacidade transformadora da educação em tempos de crise.

Com o retorno gradual das atividades presenciais, passei a valorizar ainda mais a universidade como espaço de diálogo entre teoria e prática. A formação inicial de professores constitui um momento essencial na construção da identidade docente, pois é nesse período que se entrelaçam os saberes científicos, pedagógicos e experienciais (PIMENTA, 2012; TARDIF, 2014). Nesse sentido, a universidade exerce papel fundamental ao promover uma formação crítica e reflexiva, preparando o futuro professor para compreender os desafios da escola básica e atuar com compromisso social (IMBERNÓN, 2010).

O Programa Residência Pedagógica (PRP), promovido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), surge como uma dessas oportunidades. Trata-se de uma política pública alinhada às metas do Plano Nacional de Educação (PNE 2014–2024), que busca fortalecer a formação docente por meio da imersão do licenciando no contexto escolar. Como destaca Gatti (2019), o PRP representa um avanço na valorização da prática como componente

formativo, possibilitando ao estudante vivenciar o cotidiano escolar, refletir sobre sua prática e compreender o papel social do professor.

Essa experiência tem me permitido perceber que a docência se constrói na relação entre saberes acadêmicos e experiências vividas, num processo contínuo de aprendizagem e reflexão. Assim, a Residência Pedagógica não apenas complementa a formação teórica do curso, mas também reafirma o compromisso ético e humano que deve nortear a atuação do educador.

Fonte: Elaboração da autora

A decisão de prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e buscar uma vaga no ensino superior foi, portanto, uma escolha deliberada e estratégica, motivada pelo desejo de crescimento pessoal e profissional. Essa decisão refletia a compreensão de que a educação é um dos instrumentos mais poderosos de transformação individual e coletiva, capaz de proporcionar as ferramentas necessárias para enfrentar os desafios do mercado de trabalho e conquistar um futuro mais promissor. Conforme ressalta Freire (1996, p. 44), “a educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.” Assim, ao optar por trilhar o caminho universitário, percebi que não buscava apenas um diploma, mas uma oportunidade concreta de reconstruir minha trajetória e contribuir para a sociedade por meio do conhecimento.

Desde cedo, manifestei uma inclinação natural pelo trabalho em detrimento dos estudos. Todavia, com o passar do tempo e o avanço da idade, percebi que as oportunidades se tornavam cada vez mais escassas e os desafios, mais complexos. Diante dessa constatação, decidi investir na minha formação e procurei um cursinho preparatório para o Enem, acreditando que o ingresso na universidade seria a chave para expandir meus horizontes. Quando realizei a prova, ainda não sabia exatamente qual curso seguiria, mas tinha convicção de que o ensino superior seria essencial para alcançar meus objetivos.

Com minha nota, ingressei no curso de Geografia Licenciatura, e costumo dizer que foi a Geografia que me escolheu. Desde os primeiros contatos com a disciplina, ainda na escola, sempre admirei profundamente meus professores, cuja dedicação e entusiasmo despertavam em mim respeito e curiosidade. No início, imaginava que a Geografia se restringia ao estudo de mapas, países e capitais. Contudo, logo percebi que seu campo de atuação é vasto e interdisciplinar, abarcando desde a cartografia e os fenômenos naturais até as dinâmicas sociais, econômicas e culturais que estruturam o espaço geográfico.

A Geografia, enquanto ciência, busca compreender as interações entre sociedade e natureza, os modos de apropriação do território e os impactos dessas relações na vida humana. Como afirma Cavalcanti (2012, p. 39), “a Geografia escolar deve contribuir para o entendimento das relações entre o espaço e a sociedade, possibilitando ao aluno compreender o mundo e intervir conscientemente sobre ele.” Nesse sentido, percebi que o estudo geográfico vai muito além da descrição do espaço: trata-se de uma forma de interpretar criticamente o mundo e suas contradições, analisando a dinâmica global dos povos e dos processos históricos que os influenciam. Conforme Lacoste (1988), a Geografia é um instrumento de leitura e de poder, capaz de revelar as desigualdades e as disputas que estruturam o espaço, tornando-se, portanto, um saber indispensável à formação cidadã. Ramos (2021) reforça essa compreensão ao destacar que a Geografia escolar deve promover a reflexão sobre as múltiplas dimensões do território e sobre as práticas sociais que o produzem, favorecendo o pensamento crítico e a autonomia intelectual dos estudantes.

A formação em Geografia, especialmente na licenciatura, prepara-nos para sermos educadores conscientes e comprometidos, capazes de mediar conhecimentos e promover a reflexão crítica sobre as transformações do planeta e da sociedade. Segundo Callai (2011), ensinar Geografia é possibilitar ao aluno compreender o seu lugar no mundo e perceber-se como sujeito capaz de transformá-lo. Castellar (2017) acrescenta que o ensino dessa ciência deve articular o conhecimento científico com as experiências cotidianas, de modo a formar cidadãos sensíveis às questões ambientais e sociais. Essa abordagem integral é essencial para compreender os desafios contemporâneos, como as mudanças climáticas, as desigualdades socioespaciais e a sustentabilidade. Assim, o estudo geográfico não se limita à leitura dos lugares, mas propõe compreender os processos que moldam o mundo e construir caminhos para uma convivência mais justa e equilibrada entre os seres humanos e o meio ambiente, perspectiva que, como lembra Morin (2000), demanda uma educação pautada na complexidade e na interdependência entre as dimensões naturais, sociais e culturais da vida.

O ingresso na universidade revelou-se uma experiência transformadora. Lembro-me da emoção ao pisar pela primeira vez no campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e perceber a magnitude daquele espaço de saber. A infraestrutura, os professores doutores e o ambiente acadêmico pulsante eram completamente novos para mim. A universidade se apresentou como um universo de possibilidades, onde o ensino, a pesquisa e a extensão se entrelaçam na formação do pensamento crítico e da cidadania. A participação nas ações de extensão revelou-se uma das dimensões mais significativas da Residência Pedagógica,

pois possibilitou vivências de integração entre escola e universidade. A realização de aulas de campo nos laboratórios da UFMS e de atividades comunitárias na escola parceira fortaleceu o vínculo entre ensino, pesquisa e extensão, princípios que, conforme a CAPES (2018), constituem a base da formação docente comprometida com a realidade social.

Como afirma Tardif (2014), a formação docente é um processo contínuo, construído na articulação entre saberes teóricos, práticos e experienciais, que se complementam e se ressignificam ao longo da trajetória profissional.

No primeiro semestre do curso, tive aulas com a Professora Doutora Elisa Pinheiro de Freitas, especialista em Geografia da População. Em uma de suas aulas, ela abordou a emergência de um novo vírus, o SARS-CoV-2, e alertou sobre os riscos que ele representava para o Brasil. Suas previsões, baseadas em dados científicos e geográficos, infelizmente se concretizaram com o avanço da pandemia da Covid-19. Esse episódio marcou profundamente minha formação, pois me mostrou o poder da ciência na compreensão e na prevenção de crises globais, além de evidenciar a responsabilidade social dos profissionais da Geografia.

A pandemia provocou uma ruptura sem precedentes na educação. As aulas presenciais foram suspensas, e o ensino remoto emergencial tornou-se a única alternativa possível para garantir a continuidade do processo educativo. Adaptar-me a essa nova realidade foi um grande desafio. Enfrentei momentos de desânimo, cansaço e vontade de desistir, pois as dificuldades tecnológicas e emocionais, somadas às responsabilidades familiares e profissionais, resultaram em reprovações e perda de motivação. Como observa Nóvoa (2020), a pandemia expôs as fragilidades estruturais da educação e evidenciou a necessidade de reinventar a escola como espaço de cuidado, solidariedade e presença, ainda que à distância.

Apesar das adversidades, esse período de incertezas me ensinou sobre resiliência, empatia e perseverança. A atuação sensível e atenciosa dos professores foi fundamental para manter o vínculo com a aprendizagem, mesmo diante da ausência do espaço físico escolar. Moran e Bacich (2020) destacam que o papel docente, em contextos de ensino remoto, ultrapassa a transmissão de conteúdos: ele exige mediação afetiva, escuta e criatividade para reconstruir sentidos e promover aprendizagens significativas. Nesse mesmo sentido, Libâneo (2021) lembra que o professor é mediador entre o conhecimento e o aluno, mas também entre o sujeito e o mundo, ajudando a desenvolver autonomia intelectual e emocional em tempos de incerteza.

Assim, percebi que a docência é uma prática essencialmente humana, pautada em compromisso e sensibilidade. Como afirma Freire (1996, p. 45), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou construção”. Essa compreensão reafirmou minha admiração pela profissão docente e pelo poder transformador da educação, mesmo em meio às condições mais adversas.

Com o retorno das aulas presenciais, em 2022, a experiência universitária ganhou novo sentido. As disciplinas voltadas à prática docente, como *Fundamentos da Didática*, *Ensino e Práticas da Geografia*, *Sociologia da Educação* e *Educação Especial*, foram essenciais para consolidar minha identidade como futura professora. Essas matérias ofereceram subsídios teóricos e metodológicos que me prepararam para compreender o processo educativo em toda sua complexidade, abordando desde o planejamento e a avaliação até a inclusão e o uso de tecnologias na sala de aula.

Durante o estágio supervisionado, retornei à escola onde havia concluído o ensino fundamental. Esse reencontro com o ambiente escolar, agora na posição de estagiária, foi profundamente significativo. Observar antigas professoras e compreender suas práticas com um olhar crítico e reflexivo permitiu-me perceber como a docência é permeada por desafios, escolhas e aprendizagens contínuas. Essa vivência reafirmou minha vocação e despertou em mim um sentimento de pertencimento à profissão docente.

Posteriormente, ao ingressar no Programa Residência Pedagógica, pude vivenciar de maneira mais intensa a articulação entre teoria e prática. As ações do programa possibilitaram minha participação em projetos, palestras e atividades de extensão, fortalecendo meu compromisso social como educadora e meu entendimento sobre o papel transformador da escola. Conforme Imbernón (2010), a formação docente deve ser compreendida como um processo de desenvolvimento contínuo, que se realiza em contextos colaborativos e reflexivos, nos quais o professor aprende com a prática e com os outros.

Essa trajetória, marcada por desafios, descobertas e conquistas, reafirmou em mim a convicção de que ser professora é estar em permanente processo de aprendizagem. A docência não se limita à transmissão de conteúdos, mas envolve reflexão, escuta, sensibilidade e compromisso com a transformação da realidade social. Para Dewey (1959), a educação é uma prática viva, em constante reconstrução, na qual professor e aluno aprendem juntos pela experiência. Nesse sentido, a formação docente assume papel essencial na construção de uma prática educativa crítica e significativa.

A universidade, enquanto espaço de formação humana e científica, proporcionou-me uma compreensão ampliada da importância da educação como instrumento de emancipação e justiça social. Como lembra Arroyo (2011), formar professores é formar sujeitos capazes de ler o mundo e intervir nele com consciência e responsabilidade.

A inserção em projetos, eventos e programas de formação inicial reforçou o valor dos três pilares que sustentam a universidade pública: ensino, pesquisa e extensão. O ensino constitui o alicerce do processo formativo, promovendo o domínio do conhecimento e o desenvolvimento de competências pedagógicas; a pesquisa estimula o pensamento crítico, a curiosidade e a construção de novos saberes; e a extensão permite a interação entre universidade e comunidade, garantindo que o conhecimento produzido retorne à sociedade em forma de transformação. Para Demo (2000), a pesquisa é o princípio educativo por excelência, pois ensina o estudante a pensar, questionar e produzir conhecimento próprio — condição essencial para a autonomia docente.

Além disso, como ressalta Fazenda (2011), a formação do professor deve ser entendida como um processo interdisciplinar e dialógico, no qual o aprender e o ensinar se constroem de maneira integrada. Essa visão amplia a compreensão de que a universidade é um espaço de convivência entre saberes, onde se articulam teoria e prática, ciência e vida. Nessa perspectiva, os três pilares não apenas estruturam o fazer acadêmico, mas também fundamentam uma educação comprometida com a ética, a cidadania e a transformação social.

Essa experiência reafirma que o ensino de Geografia e Ciências da Terra, quando articulado à pesquisa e à extensão, adquire um caráter formativo e emancipador, capaz de inspirar novas formas de compreender e intervir no mundo.

Capítulo 2

Relato de experiência: Programa Residência Pedagógica

O Programa de Residência Pedagógica (PRP) representa uma etapa essencial na formação inicial dos futuros professores, ao proporcionar uma vivência prática e o envolvimento direto com o ambiente escolar. Trata-se de um espaço privilegiado de articulação entre teoria e prática, no qual o licenciando tem a oportunidade de transformar o conhecimento adquirido na universidade em ação pedagógica significativa. Como observa Pimenta (2012), é nesse diálogo entre o saber acadêmico e o saber da experiência que o professor constrói sua identidade profissional e consolida sua prática docente.

Essa experiência contribui de modo decisivo para o desenvolvimento profissional e pessoal do residente, permitindo-lhe compreender de forma mais ampla os desafios, as responsabilidades e as competências exigidas pelo trabalho docente. Após concluir os três estágios obrigatórios do curso de Geografia, iniciei o processo seletivo para o PRP em agosto de 2023, cumprindo todos os requisitos estabelecidos para participação como residente. Essa nova etapa marcou profundamente minha trajetória acadêmica, pois me possibilitou observar, planejar e executar práticas pedagógicas reais, sob a orientação de professores experientes e supervisores comprometidos.

O programa é destinado a estudantes regularmente matriculados em cursos de licenciatura que tenham concluído, no mínimo, 50% da carga horária total do curso ou que estejam cursando a partir do quinto período, assegurando que o residente possua base teórica e maturidade para atuar de forma crítica e reflexiva. Além disso, o PRP oferece uma bolsa no valor de R\$ 700,00 (setecentos reais), que se constitui em importante incentivo financeiro e reconhecimento da relevância desse processo formativo. Mais do que um auxílio, a bolsa representa um estímulo à permanência e ao compromisso com a prática educativa. Assim, o PRP configura-se como uma oportunidade singular de crescimento profissional, fortalecendo o vínculo entre universidade e escola e contribuindo para a melhoria da qualidade da educação pública.

Participar do Programa de Residência Pedagógica tem sido, portanto, uma experiência transformadora, que ampliou minha compreensão sobre o papel social do professor e reforçou meu compromisso com uma prática educativa crítica, ética e engajada. Para o início das atividades, os residentes devem estar com matrícula ativa e apresentar toda a documentação necessária, em articulação com o coordenador do curso. O PRP é uma iniciativa da

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e tem como finalidade contribuir para o aprimoramento da formação inicial de professores da educação básica, consolidando a integração entre teoria e prática pedagógica (CAPES, 2018).

Ao longo da participação no programa, pude vivenciar de perto a rotina escolar e compreender a importância dos detalhes no processo de ensino e aprendizagem. Esse contato cotidiano com a escola me permitiu desenvolver habilidades fundamentais, como o planejamento de aulas, a gestão da sala e a adaptação das estratégias pedagógicas às diferentes realidades dos estudantes. Segundo Schön (2000), a docência é um campo de atuação que se aprimora a partir da reflexão na e sobre a ação; nesse sentido, a residência permitiu-me exercer o papel de professora reflexiva, capaz de analisar e ressignificar minhas próprias práticas.

Ao longo da participação na Residência, as práticas observadas na escola-campo, especialmente sob a orientação da professora preceptora, destacaram o potencial das metodologias ativas no ensino de Geografia. Ao envolver os alunos em atividades experimentais e projetos de campo, as aulas promoveram aprendizagens significativas e reflexões sobre o espaço vivido, conforme defendem Castellar (2017) e Callai (2011), para quem a experiência geográfica deve ser vivida e interpretada criticamente pelos estudantes. Os desafios enfrentados durante o desenvolvimento das atividades — desde a adaptação a uma escola provisória até a reorganização de horários e espaços — evidenciam o caráter dinâmico e imprevisível do ambiente escolar. Tais experiências reforçam a ideia de Schön (2000) de que o professor é um “profissional reflexivo”, que aprende a partir da ação e da constante reelaboração de sua prática.

Durante o desenvolvimento da Residência Pedagógica, as ações de extensão desempenharam um papel fundamental na articulação entre a formação universitária e a realidade da escola básica. A realização de atividades como o sábado letivo, a organização de eventos comunitários (como bingos e ações solidárias) e, principalmente, a aula de campo com alunos da Escola Estadual Nathércia Pompeo dos Santos para os laboratórios da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) — LADINE, LAGEOFIS e Ecologia — possibilitaram experiências concretas de integração entre ensino, pesquisa e extensão. Entre as atividades desenvolvidas durante o Programa Residência Pedagógica, destaca-se a aula de campo intitulada “O ensino sobre as Rochas: uma aula diferenciada”, realizada em parceria com a Escola Estadual Nathércia Pompeo dos Santos, no dia 21 de novembro de 2023. A proposta teve como objetivo proporcionar aos alunos do 1º ano do ensino médio uma vivência prática sobre os conteúdos de Geologia, aproximando teoria e realidade a partir do contato direto com

o espaço universitário e com os laboratórios de pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal.

Inicialmente, a aula havia sido programada para o dia 14 de novembro de 2023, mas, devido ao grande número de feriados, precisou ser remarcada. Apesar do atraso, a realização da atividade foi marcada por grande envolvimento e entusiasmo dos participantes. Com a visita ao campus e aos laboratórios do LADINE, LAGEOFIS e Biologia, os alunos demonstraram expressivo interesse em aprender sobre rochas e minerais, ampliando sua compreensão acerca da formação da crosta terrestre e dos processos naturais que compõem o espaço geográfico.

A atividade também representou um exercício de integração entre os saberes científicos e as práticas escolares, uma vez que a observação direta e o manuseio dos materiais despertaram curiosidade e reflexão entre os estudantes. Conforme Moreira e Marques (2021), as aulas de campo constituem experiências formativas que permitem aos alunos relacionar o conhecimento teórico com a realidade concreta, tornando o aprendizado mais significativo.

Durante a execução da atividade, foram organizadas duas turmas do 1º ano do ensino médio, sendo a logística do transporte um dos principais desafios enfrentados. Já na universidade, os alunos foram divididos em três grupos, de modo a favorecer a circulação e a aplicação dos temas propostos em diferentes ambientes. A mediação das atividades partiu do questionamento inicial: “Qual a diferença entre pedra e rocha?” — uma pergunta simples, mas que gerou grande curiosidade e discussões ricas sobre o conhecimento científico e o saber popular.

A sequência da aula foi organizada da seguinte forma:

Turma 1 – LADINE: os estudantes participaram de uma explanação conceitual sobre rochas e minerais, observando amostras e instrumentos utilizados em estudos geográficos e geológicos.

Turma 2 – LAGEOFIS: os alunos foram conduzidos ao Laboratório de Geografia Física, onde tiveram contato direto com diferentes tipos de rochas e minerais e conheceram equipamentos de coleta de sedimentos.

Turma 3 – Biologia/Ecologia: os estudantes puderam relacionar a composição das rochas com os processos biológicos e ambientais, compreendendo a interdependência entre os elementos naturais.

A visita resultou em uma experiência rica e significativa tanto para os alunos quanto para os residentes pedagógicos, reforçando a importância das práticas de campo no ensino de

Geografia e Ciências da Terra. A oportunidade de “levar a escola à universidade” fortaleceu o vínculo entre as duas instituições, ampliando o acesso dos estudantes ao conhecimento científico e despertando vocações para a pesquisa. Essa ação demonstrou que o ensino por meio da experiência estimula o protagonismo discente e consolida aprendizagens duradouras, em consonância com os princípios da educação crítica e emancipatória defendidos por Freire (1996) e Callai (2011).

Figura 1: Alunos da Escola Estadual Nathércia Pompeo dos Santos em atividade de produção artística sobre rochas



Fonte: Fotografia da autora.

Essas iniciativas ampliaram o vínculo entre a escola e a universidade, permitindo que os alunos da educação básica conhecessem de perto o espaço acadêmico e vissem a ciência como algo acessível e transformador. Essa vivência de “levar a escola à universidade” representou um momento significativo de democratização do conhecimento, ao despertar nos estudantes o interesse pela investigação e pelo saber científico. Ao mesmo tempo, proporcionou aos residentes um contato mais profundo com a realidade social e educativa, fortalecendo a compreensão de que a docência envolve diálogo, compromisso e sensibilidade com as comunidades em que se atua.

Segundo Imbernón (2010), a formação docente se enriquece quando ocorre em contextos colaborativos e interinstitucionais, em que os saberes se constroem a partir da prática compartilhada e da troca de experiências. De forma semelhante, Pimenta (2012) defende que a prática pedagógica só se torna formativa quando o professor é capaz de refletir criticamente sobre o cotidiano escolar e relacioná-lo com os conhecimentos produzidos na universidade. Assim, as atividades de extensão desenvolvidas no âmbito da Residência Pedagógica evidenciam o caráter integrador e formador desse programa, que ultrapassa os limites da sala de aula e reafirma o compromisso social da universidade pública com a educação básica.

A experiência de levar os estudantes da escola básica ao espaço universitário evidenciou o valor da prática educativa como um processo de troca, em que todos aprendem e ensinam simultaneamente. Segundo Gadotti (2000), a educação não pode restringir-se ao ensino de conteúdos, mas deve possibilitar ao sujeito compreender sua realidade, atuar sobre ela e transformá-la. Nesse sentido, o encontro entre escola e universidade reafirma a função social da educação e demonstra que a aprendizagem se torna mais significativa quando o conhecimento é vivenciado de forma concreta, contextualizada e participativa.

Ao proporcionar aos alunos o contato direto com o ambiente acadêmico, foi possível ampliar a percepção de que a ciência não é algo distante ou inacessível, mas parte da vida e das experiências humanas. Para Charlot (2000), aprender é estabelecer uma relação pessoal com o saber, reconhecendo-o como algo que faz sentido na própria existência. Essa aproximação contribui para a construção de uma educação mais humanizada, na qual o estudante se percebe como protagonista do processo de conhecer e de transformar o mundo.

Sob essa perspectiva, a formação de professores também se amplia, pois o residente deixa de ser apenas observador e passa a atuar como mediador e sujeito ativo na produção de saberes. De acordo com Libâneo (2015), a prática pedagógica se realiza na articulação entre teoria e prática, exigindo do professor uma postura investigativa e reflexiva diante dos desafios educacionais. Essa visão está em consonância com o propósito do Programa Residência Pedagógica, que estimula a construção coletiva de saberes e a superação da dicotomia entre o fazer e o pensar docente.

Ao refletir sobre as experiências vividas, é possível compreender que a docência é uma atividade complexa e multifacetada, que demanda tanto o domínio científico quanto a sensibilidade humana. Como destaca Morin (2000), educar é preparar o sujeito para enfrentar a incerteza e a complexidade da vida, desenvolvendo sua capacidade de pensar criticamente, agir com ética e dialogar com a diversidade. Assim, cada atividade realizada no âmbito da

residência tornou-se uma oportunidade de exercitar o pensamento crítico, a empatia e a criatividade, valores indispensáveis à formação de um educador comprometido com a transformação social.

Além disso, a vivência de práticas integradoras, que aproximam universidade e escola, expressa a concretização do princípio da extensão como dimensão formadora. Essa relação dialógica contribui para romper barreiras históricas entre o saber acadêmico e o saber popular, reafirmando a importância do conhecimento produzido em diferentes contextos. Conforme argumenta Santos (2010), uma universidade verdadeiramente democrática é aquela que reconhece a pluralidade de saberes e valoriza o diálogo entre ciência e sociedade. Assim, ações como a desenvolvida no Programa Residência Pedagógica assumem um papel decisivo na democratização do conhecimento e na construção de uma educação pública mais inclusiva e transformadora.

Figura 2 – Relatos ilustrativos



Fonte: Fotografia da autora.

Na figura acima, sou eu com a primeira turma no Laboratório de Dinâmicas Espaciais (LADINE) do Campus do Pantanal/UFMS, durante a aula de campo intitulada “O ensino sobre as rochas: uma aula diferenciada”. Nesse momento, expliquei aos alunos os conceitos de rocha e mineral, destacando que o termo “pedra” é uma expressão popular e não científica. Apresentei o laboratório e seus instrumentos, despertando curiosidade e entusiasmo entre os estudantes, que demonstraram grande interesse em conhecer de perto os equipamentos e as amostras utilizadas nas pesquisas geográficas e geológicas.

Portanto, as práticas de campo e as atividades de extensão realizadas no âmbito da residência pedagógica não apenas contribuíram para a aprendizagem dos alunos da educação básica, mas também fortaleceram a formação crítica e humanizadora dos futuros professores.

Figura 3– Relatos ilustrativos

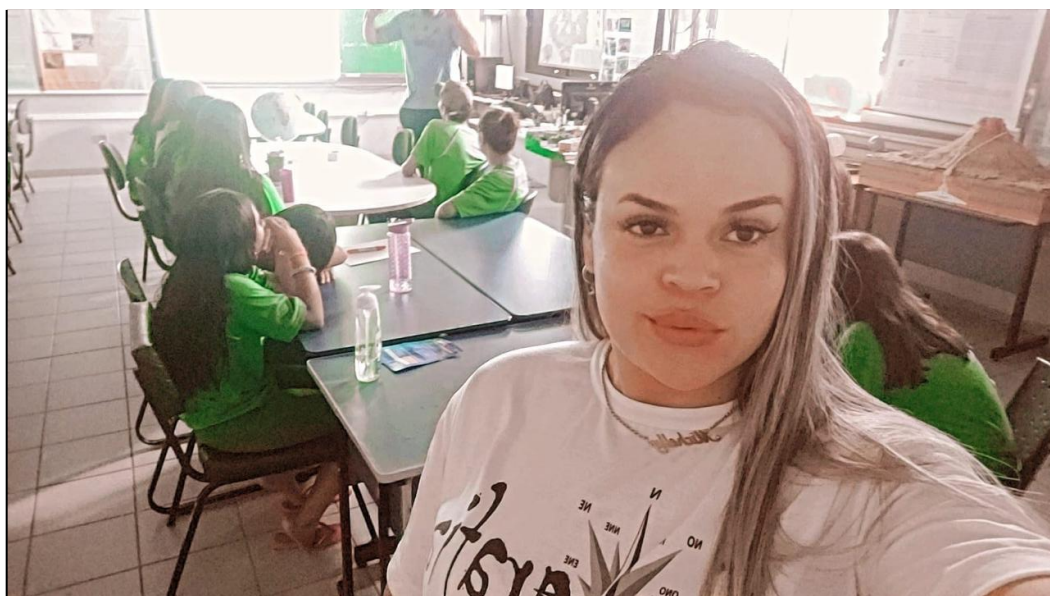


Fonte: Fotografia da autora.

As Figuras 3 e 4 representam a continuidade da atividade registrada na Figura 2, todas realizadas no mesmo dia, durante a visita dos alunos da Escola Estadual Nathércia Pompeo dos Santos ao campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Nas imagens, observa-se a participação ativa dos estudantes do 1º ano do ensino médio, que, em grupos, analisaram e

compararam diferentes tipos de rochas, explorando suas texturas, cores e composições. Esse momento foi marcado por intenso envolvimento e troca de saberes, à medida que os alunos relacionavam o conteúdo teórico estudado em sala com o conhecimento científico apresentado no espaço acadêmico.

Figura 4— Relatos ilustrativos



Fonte: Fotografia da autora.

Essa atividade assumiu grande relevância pedagógica, pois promoveu a integração entre escola e universidade, aproximando os alunos da ciência e do ambiente de pesquisa. Essa aproximação possibilitou que os estudantes percebessem a Geografia como um campo de conhecimento vivo, dinâmico e presente no cotidiano. Ao vivenciarem práticas que uniam teoria e experimentação, eles puderam compreender melhor a relação entre os conteúdos estudados em sala e os fenômenos concretos que compõem o espaço geográfico.

Para mim, enquanto professora em formação, essa experiência foi extremamente significativa. Permitiu-me compreender, na prática, o papel mediador do docente e a importância de criar situações de aprendizagem que despertem a curiosidade, o pensamento crítico e o desejo de investigar o mundo. Como destaca Cavalcanti (2012), o ensino de Geografia deve promover a construção de significados e o desenvolvimento do raciocínio espacial, permitindo que o aluno interprete a realidade e atue de forma consciente nela. Assim, o aprendizado se torna mais profundo quando o estudante participa ativamente do processo, construindo seu próprio conhecimento a partir da observação e da experimentação.

A observação do interesse genuíno dos alunos durante a atividade reforçou em mim a certeza de que o ensino de Geografia pode — e deve — ir além da sala de aula. Ao levar os

estudantes para vivenciar experiências concretas, o professor amplia suas possibilidades de aprendizagem e estimula uma postura investigativa. Nessa perspectiva, Callai (2011) argumenta que o conhecimento geográfico contribui para a formação cidadã, pois permite ao sujeito compreender o espaço em que vive e reconhecer-se como parte integrante dele.

Além disso, experiências dessa natureza fortalecem a dimensão humana e social do ensino. De acordo com Castellar (2017), o ensino de Geografia precisa ser orientado pela observação, pela reflexão e pela problematização da realidade, de modo a desenvolver nos alunos o senso crítico e o compromisso com a transformação do espaço vivido. Essa visão amplia o entendimento de que o papel do professor não é apenas transmitir conteúdos, mas provocar o aluno a pensar, questionar e atribuir sentido ao que aprende.

Figura 5– Relatos ilustrativos



Fonte: Fotografia da autora.

A Figura 5 retrata minha participação no evento “Mundo das Ciências”, realizado na Escola Sesi de Corumbá, uma ação voltada à popularização do conhecimento científico e à aproximação entre a escola e a alunos, professores e visitantes em diversas atividades

experimentais, exposições e apresentações que tinham como objetivo despertar o interesse pela ciência e valorizar o protagonismo estudantil.

Minha participação nesse espaço representou uma experiência extremamente significativa na minha trajetória como professora em formação. Tive a oportunidade de dialogar com estudantes de diferentes faixas etárias, esclarecer dúvidas, mediar discussões e apresentar conteúdos de Geografia de forma lúdica e interativa. Essa troca foi enriquecedora, pois possibilitou vivenciar de maneira prática a importância de metodologias participativas e da comunicação científica acessível, que estimulam a curiosidade, o pensamento crítico e o prazer em aprender.

Eventos como o “Mundo das Ciências” são fundamentais para a formação docente, pois ampliam os horizontes da prática educativa, permitindo ao futuro professor compreender que o ensino vai além da sala de aula, alcançando espaços de convivência e aprendizagem compartilhada. A continuidade das atividades desenvolvidas ao longo do Programa Residência Pedagógica consolidou ainda mais minha compreensão sobre o papel da prática no processo formativo. As intervenções pedagógicas realizadas em diferentes turmas do ensino fundamental e médio permitiram vivenciar de forma concreta os desafios e as potencialidades da docência.

As Figuras 6 e 7 registram momentos marcantes vividos no âmbito do Programa Residência Pedagógica, que ultrapassam o espaço da sala de aula e revelam o valor das experiências coletivas no processo formativo. A Figura 6 mostra a atividade de confecção e venda de pizzas, organizada pelos residentes com o objetivo de arrecadar recursos para a formatura do 3º ano de Geografia. Essa ação representou um exercício de colaboração, responsabilidade e comprometimento com um propósito comum, fortalecendo os laços entre os participantes. Sob a ótica da formação docente, a vivência prática também reafirma o princípio da aprendizagem significativa. Conforme Vygotsky (1998), o aprendizado é um processo social e interativo, construído por meio das relações e da mediação entre sujeitos. Nesse contexto, o professor em formação aprende ao ensinar e ensina ao aprender, desenvolvendo competências profissionais e pessoais que vão muito além do domínio teórico.

Desse modo, essa atividade não apenas consolidou aprendizagens sobre os conteúdos geográficos, mas também despertou em mim a consciência sobre o poder transformador da prática pedagógica. Cada momento de diálogo com os alunos, cada pergunta e cada descoberta coletiva mostraram que ensinar Geografia é, sobretudo, formar olhares curiosos e críticos, capazes de compreender o mundo e agir sobre ele com responsabilidade e sensibilidade.

Figura 6- Relatos ilustrativos



Fonte: Fotografia da autora.

Já a Figura 7 mostra o momento de integração durante um bingo solidário, realizado com a presença da orientadora Profa. Me. Rozilene Cuyate Soares, da residente Maria Vitória e dos demais colegas do programa. Esses encontros foram fundamentais para estreitar vínculos, trocar experiências e fortalecer o espírito de equipe — elementos essenciais tanto para a formação docente quanto para o amadurecimento pessoal e profissional.

Mais do que simples atividades recreativas, esses momentos de convivência revelam a dimensão humana da docência e a importância do trabalho colaborativo na formação de professores. Como afirma Imbernón (2010), o processo formativo se constrói na interação entre sujeitos, quando o aprender se torna um ato compartilhado, construído com e a partir dos outros. Nesse sentido, o bingo solidário representou um espaço de socialização de saberes, de escuta e de afeto, em que o grupo pôde fortalecer laços e compreender que o ensino também se faz na cooperação e na empatia.

A convivência entre residentes e orientadores possibilitou experiências de aprendizagem que ultrapassaram o campo teórico, mostrando que o desenvolvimento profissional docente envolve aspectos emocionais, éticos e relacionais. Conforme Nóvoa

(1992), a identidade do professor se constrói no coletivo, no diálogo e nas práticas partilhadas com os pares, o que reforça o valor de iniciativas que promovem o sentimento de pertencimento e o reconhecimento mútuo entre os integrantes da formação.

Além disso, momentos como esse contribuem para criar uma rede de apoio e confiança entre os participantes, fortalecendo o compromisso com o grupo e com o ideal de uma educação pública de qualidade. Para Alarcão (2011), o professor reflexivo é aquele que reconhece o outro como parceiro na construção do conhecimento e que compreende o ensino como prática colaborativa. Assim, o bingo solidário foi mais do que um evento social: foi um exercício de coletividade, de partilha e de formação humana, que reafirmou a importância da empatia e da solidariedade como valores indissociáveis da prática docente.

Figura 7- Relatos ilustrativos



Fonte: Fotografia da autora

Vivenciar esses momentos reforçou em mim a compreensão de que o percurso formativo não se constrói apenas por meio das práticas pedagógicas e das atividades acadêmicas, mas também nas relações humanas que sustentam o aprender a ser professora. A convivência, o apoio mútuo e a celebração das conquistas coletivas, como a formatura, simbolizam o fechamento de um ciclo repleto de aprendizados, desafios e crescimento.

Durante os meses de agosto a novembro de 2023, as ações foram organizadas em etapas que envolveram tanto atividades teóricas quanto práticas. Em agosto, as aulas trataram de temas como Guerra Fria, socialismo e capitalismo, articulando conceitos geopolíticos com recursos audiovisuais, como vídeos explicativos e mapas temáticos. Essa estratégia contribuiu para que os estudantes compreendessem a lógica da bipolaridade mundial e os impactos das disputas ideológicas no cenário contemporâneo. No mesmo período, foi possível observar o engajamento dos alunos em debates e atividades expositivas, o que evidenciou a importância de metodologias participativas no ensino de Geografia.

Nas semanas seguintes, desenvolvi aulas voltadas à apresentação de trabalhos sobre rochas, incentivando os estudantes a pesquisarem e explicarem os diferentes tipos, características e formações geológicas. Essa prática revelou o quanto a abordagem investigativa e colaborativa desperta o interesse dos alunos, estimulando o protagonismo e a autonomia no processo de aprendizagem. As observações e correções dessas atividades também permitiram aprimorar meu olhar avaliativo, compreendendo que a avaliação é um momento formativo e não apenas classificatório.

No mês de setembro, as atividades concentraram-se no estudo da hidrografia, com exercícios práticos e discussões sobre a importância dos recursos hídricos para o equilíbrio ambiental e para a vida humana. Essa etapa foi marcada pela integração entre conteúdo científico e realidade local, permitindo que os alunos reconhecessem os rios e bacias da região como parte do seu espaço vivido. O diálogo entre Geografia física e social favoreceu reflexões sobre sustentabilidade, uso racional da água e preservação ambiental.

Em outubro, as aulas passaram a abordar temas contemporâneos, como África e urbanização, sempre acompanhadas de dinâmicas e brincadeiras educativas. Uma das práticas mais significativas foi a atividade com o “bolo de perguntas”, em que os alunos, organizados em círculo, passavam a bola enquanto a música tocava; ao parar, o estudante que a segurava respondia à questão sorteada. Essa metodologia lúdica mostrou-se eficiente para revisar conteúdos e estimular a participação, especialmente entre os alunos mais tímidos. As práticas

vivenciadas demonstraram que o aprendizado se torna mais significativo quando envolve movimento, emoção e interação.

Já em novembro, o foco das atividades voltou-se à elaboração de um mapa mental sobre o Oriente Médio, estimulando os alunos a identificarem a localização, os principais países e os conflitos da região. Essa proposta visou promover uma compreensão crítica das relações geopolíticas mundiais, ao mesmo tempo em que desenvolveu habilidades de síntese e organização de ideias. Outra atividade marcante foi a “Caça-Palavras Geográfico”, realizada em turmas do ensino fundamental, com perguntas sobre organização territorial e integração regional. A dinâmica, acompanhada por músicas e momentos de descontração, reforçou o vínculo entre professor e alunos, além de tornar o ambiente de aprendizagem mais acolhedor.

As atividades avaliativas desse período envolveram a produção de textos dissertativos sobre o Japão e a Organização das Nações Unidas (ONU), nos quais os alunos foram convidados a refletir sobre as características culturais e econômicas do país e o papel da ONU na promoção da paz mundial. A correção dessas produções evidenciou avanços na capacidade de escrita e argumentação dos estudantes, ao mesmo tempo em que me proporcionou uma experiência concreta de análise e feedback pedagógico.

A vivência em sala de aula durante esse período evidenciou a importância do planejamento pedagógico como instrumento essencial para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem. Planejar vai além de organizar conteúdos: significa refletir sobre o que ensinar, por que ensinar e como ensinar, considerando as necessidades, os interesses e o contexto dos alunos. Conforme destaca Libâneo (2015), o planejamento é uma atividade intencional e reflexiva que orienta a prática docente, articulando teoria, objetivos e ações pedagógicas de forma coerente. Nesse sentido, cada aula planejada e executada tornou-se um exercício de autonomia, criatividade e responsabilidade profissional.

Compreender o Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi fundamental para ampliar meu olhar sobre a organização do ensino e sobre as competências e habilidades que orientam a educação básica. A análise desses documentos permitiu compreender que o ensino de Geografia deve contribuir para o desenvolvimento integral do estudante, promovendo o raciocínio espacial, a consciência ambiental e o pensamento crítico sobre as relações entre sociedade e natureza. Essa compreensão foi essencial para alinhar as propostas de aula às diretrizes curriculares e para valorizar a contextualização dos conteúdos à realidade local dos alunos.

A experiência em sala de aula também proporcionou uma aprendizagem profunda sobre o valor do diálogo e da interação. Cada momento de troca com os alunos revelou a importância da escuta sensível e da empatia como fundamentos do ato de ensinar. Como afirma Freire (1996), a educação é um encontro entre sujeitos que aprendem juntos, e o professor, ao ensinar, também se transforma. Essa dimensão humana da docência tornou-se ainda mais evidente ao perceber que o vínculo afetivo e o respeito mútuo são condições indispensáveis para o aprendizado significativo.

O contato direto com os alunos e o uso de metodologias diversificadas como dinâmicas, jogos, mapas mentais e práticas investigativas, contribuíram para o desenvolvimento da minha didática e para o aprimoramento da capacidade de adaptar estratégias conforme as demandas de cada turma. De acordo com Pimenta (2012), a didática se constitui no movimento constante entre reflexão e ação, e é nesse processo que o professor aprende a mediar, observar e intervir de modo consciente. Cada atividade desenvolvida foi, portanto, uma oportunidade de testar, ajustar e reinventar práticas que valorizassem a participação ativa dos estudantes.

Essas experiências permitiram o descobrimento da minha essência como professora. Aos poucos, percebi que ensinar não se resume à exposição de conteúdos, mas à construção de caminhos de aprendizagem marcados pela afetividade, pelo diálogo e pelo desejo de ver o outro aprender. O envolvimento pedagógico nas práticas da Residência Pedagógica fortaleceu em mim a compreensão de que o conhecimento nasce da interação e da curiosidade, e que o papel do docente é criar condições para que o aluno se reconheça como sujeito do seu próprio aprendizado.

Por meio dessas vivências, desenvolvi não apenas competências profissionais, mas também a sensibilidade e a consciência de que educar é um ato de amor, compromisso e transformação. O contato com a realidade escolar me fez entender que cada estudante traz consigo saberes, histórias e potencialidades que precisam ser acolhidas e valorizadas. Assim, a docência revelou-se como uma construção contínua, um processo que une razão e emoção, técnica e humanidade, teoria e prática e que dá sentido à minha formação e ao meu projeto de vida como educadora.

A Figura 8 registra minha participação no 1º Seminário de Socialização de Relatos de Experiência de Residentes Pedagógicos da UFMS/CPAN, um momento de grande relevância para o compartilhamento das práticas e aprendizagens construídas durante o Programa Residência Pedagógica. O evento reuniu residentes, preceptores e orientadores de diferentes

áreas do conhecimento, possibilitando a troca de experiências e reflexões sobre os desafios e potencialidades da formação docente.

Figura 8- Relatos ilustrativos



Fonte: Fotografia da autora

Apresentar meu relato nesse espaço foi uma oportunidade de socializar as ações desenvolvidas nas escolas do Pantanal, refletir sobre o papel do professor em formação e reconhecer a importância da residência como um elo entre a teoria e a prática. A escuta das experiências de outros residentes também contribuiu para ampliar meu olhar sobre a docência, fortalecendo a compreensão de que ensinar é um processo contínuo de aprendizagem, diálogo e construção coletiva.

Participar desse seminário foi, portanto, um marco no meu percurso acadêmico, reafirmando o compromisso com uma prática educativa reflexiva, crítica e comprometida com a realidade local e com a transformação social por meio da educação.

Encerrando o ciclo da Residência, foi realizada uma revisão geral e correção das atividades pendentes, garantindo que todos os alunos tivessem a oportunidade de finalizar o processo avaliativo com êxito. Essa etapa foi fundamental para consolidar o senso de responsabilidade e acompanhamento contínuo do professor em relação ao desenvolvimento dos alunos.

Com o término da bolsa, percebi que a Residência Pedagógica não foi apenas uma etapa da minha formação, mas um marco de transformação pessoal e profissional. Sinto-me mais confiante e preparada para atuar na educação, convicta de que essa experiência consolidou minha vocação e reforçou o compromisso com uma prática pedagógica pautada no conhecimento, no respeito e na construção conjunta do saber. O contato direto com os alunos e com a rotina escolar possibilitou compreender, de forma concreta, o impacto que o professor exerce na formação de cidadãos críticos e participativos. Como defende Freire (1996), o ato de ensinar é também um ato de amor e de coragem, e o professor deve assumir-se como sujeito histórico capaz de transformar a realidade.

O principal objetivo do Programa Residência Pedagógica (PRP) é contribuir para o aperfeiçoamento da formação inicial docente, promovendo a vivência concreta do cotidiano escolar e estimulando uma visão sensível, crítica e comprometida. De acordo com Imbernón (2010), formar professores implica criar condições para que aprendam com a prática e com os outros, desenvolvendo autonomia e consciência profissional. Estar em sala de aula acompanhada por profissionais experientes possibilitou compreender, de maneira mais profunda, o trabalho docente e a importância da constante articulação entre teoria e prática.

Essas vivências reforçaram a percepção de que a prática docente é um processo dinâmico, que se constrói diariamente no diálogo com a realidade escolar. Como afirma Nóvoa (2009), o professor forma-se a partir da reflexão sobre sua própria experiência, em um movimento contínuo de aprender, desaprender e reaprender. A cada atividade planejada e executada, compreendi com mais clareza que ensinar Geografia é possibilitar ao aluno entender o mundo em sua complexidade, reconhecendo-se como sujeito histórico e participante das transformações do espaço.

Além disso, essa trajetória evidenciou que a docência vai além da técnica: é também um ato ético, político e afetivo. Conforme Candau (2012), a prática pedagógica precisa estar enraizada na escuta, no diálogo e na valorização das diferenças, pois é na relação com o outro que se dá o verdadeiro sentido da educação. Essa perspectiva aproxima-se da reflexão de Boaventura de Sousa Santos (2010), ao afirmar que a educação emancipatória nasce do reconhecimento dos saberes diversos e da luta por uma escola democrática e humanizadora. Assim, compreendi que educar é contribuir para que cada estudante descubra seu lugar no mundo e desenvolva sua voz diante das injustiças e desigualdades.

Do mesmo modo, o percurso vivenciado na Residência Pedagógica reafirmou a importância da autonomia docente e do compromisso com uma educação crítica e transformadora. Segundo Sacristán (1998), o currículo é o espaço onde o professor interpreta, recria e ressignifica o conhecimento, tornando-se coautor do processo educativo. Essa consciência me fez perceber que ser professora é também ser criadora de possibilidades, alguém que, ao planejar e ensinar, se reinventa junto com seus alunos.

Por fim, reconheço que essa experiência foi decisiva para o fortalecimento da minha formação teórico-prática e para o amadurecimento da minha identidade docente. A Residência Pedagógica ampliou meu olhar sobre a escola pública e sobre a potência da educação como prática social transformadora. Como lembra Masetto (2012), o professor que ensina com envolvimento e sensibilidade desperta nos alunos o desejo de aprender, porque faz da sala de aula um espaço de diálogo, afeto e descoberta. Assim, encerro essa trajetória com a convicção de que a docência é um exercício permanente de humanidade, um caminho de partilha, esperança e compromisso com o futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho representou um marco importante na minha trajetória acadêmica e profissional, possibilitando compreender de forma mais ampla a importância do Programa Residência Pedagógica para a formação docente. As experiências vivenciadas durante o programa contribuíram significativamente para o desenvolvimento de competências pedagógicas, o fortalecimento da autonomia e a construção da identidade profissional como futura professora de Geografia.

A imersão no ambiente escolar permitiu vivenciar a realidade da educação pública, compreendendo seus desafios, limitações e potencialidades. O contato direto com os alunos, professores e equipe pedagógica proporcionou aprendizagens valiosas, revelando a complexidade da prática docente e a necessidade constante de reflexão e sensibilidade nas ações educativas. Cada atividade planejada e executada foi uma oportunidade de crescimento, reafirmando a importância do compromisso e da responsabilidade na formação de cidadãos críticos e participativos.

O Programa Residência Pedagógica se mostrou um espaço essencial para a articulação entre teoria e prática, permitindo transformar o conhecimento acadêmico em experiências concretas de ensino e aprendizagem. A convivência com profissionais experientes e o trabalho colaborativo com os colegas residentes favoreceram a troca de saberes e o desenvolvimento de uma postura ética, crítica e comprometida com a educação. Essa vivência também reforçou a percepção de que a docência é um processo contínuo de formação, que exige dedicação, empatia e constante atualização.

Encerrar esta etapa é reconhecer que ser professora vai muito além de transmitir conteúdos. É envolver-se com as histórias e realidades dos alunos, valorizar suas potencialidades e acreditar na capacidade transformadora da educação. O percurso trilhado reafirmou a importância de uma prática pedagógica humanizada, pautada no diálogo, na escuta e no respeito às diferenças.

Concluo este trabalho com a convicção de que o Programa Residência Pedagógica foi fundamental para minha formação pessoal e profissional, fortalecendo o compromisso com uma educação pública de qualidade e com a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Essa experiência marcou o início de uma jornada que continua, guiada pelo desejo de ensinar, aprender e transformar por meio da Geografia e da educação.

Referências

- ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ARROYO, Miguel Gonzales. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2020.
- BRASIL. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Programa Residência Pedagógica: documento orientador**. Brasília: CAPES, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes>. Acesso em: 20 out. 2025.
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação (PNE) 2014–2024: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Brasília: MEC, 2014.
- CALLAI, Helena Copetti. **O ensino de Geografia e a construção da cidadania**. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Vozes, 2012.
- CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **Educação geográfica e formação cidadã: desafios e possibilidades**. São Paulo: Contexto, 2017.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.
- DEWEY, John. **Democracia e educação: uma introdução à filosofia da educação**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 19. ed. Campinas: Papirus, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. São Paulo: Cortez, 2000.
- GATTI, Bernadete Angelina. **Formação de professores: condições e problemas atuais**. São Paulo: Cortez, 2019.
- IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LACOSTE, Yves. **A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** Campinas: Papirus, 1988.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário.** 10. ed. São Paulo: Summus, 2012.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez/UNESCO, 2000.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente.** Lisboa: Educa, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

RAMOS, Élvys Christian Madureira. **Geografia escolar e ensino crítico: práticas e desafios da formação docente.** Campo Grande: Editora UFMS, 2021.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia.** 42. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SCHÖN, Donald Alan. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZEICHNER, Kenneth M. **Repensando as conexões entre a formação inicial e a continuada de professores e as escolas.** *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355–1379, 2010.